

EDITORIAL
Editorial

**“Reconheço-me, logo existo” – O
idoso no espelho**

Redes informais de apoio, como a família, são, a bem dizer, da maior importância para aliviar dificuldades econômicas e de saúde a que enfrentamos, nós, a população envelhecida.

Sequelas de AVE? Debilitam, limitam, mas atividade física como rotina em casa é bom caminho para a gente nem se lembrar delas; e emocional estabilizado traz mais confiança, segurança, independência...

Estar aqui no asilo, por conta de quem?... E os maus-tratos a mim, idosa, a troco de quê? O próprio Freud dá as dicas: ‘Para a saúde, faz bem dizer, alto e bom som, tudo o que nos vai ao coração’.

O que importa é a imagem do idoso estar mudando: o jovem me acha capaz de ocupar um lugar de apego necessário: bom começo! - o de possibilitar a harmonia familiar, emocional, financeira...

Uma vida mais digna com autonomia e capacidade de decidir por mim mesmo, com conhecimento de causa — justamente o que pode assegurar a mim, idoso, o avanço dos estudos em Bioética...

Ser idoso tem a ver com minha qualidade de vida, com o que vale no presente e no futuro para a sociedade: ter hábitos saudáveis; saúde; sentir bem-estar, alegria, lazer, amor a mim mesmo e ao outro, ter uma condição financeira estável; bom relacionamento com a família, amigos, organizações sociais...

Mesmo com hipertensão, nada de negar a si a qualidade de vida daqueles sem: aliadas ao tratamento medicamentoso mudanças no estilo de vida garantem uma vida de qualidade similar a dos sem hipertensão; coisa curiosa, “as antíteses conçoçam...”¹.

Que espanto é a internet para nós, idosos! Pena que grande parte dos idosos ainda se valham pouco dos recursos do micro... Estar inserido na dinâmica das mutações tecnológicas é, com efeito, a imagem preferida de mim mesmo...

Quem canta seus males espanta — atividade muito mais completa do que se imagina é o canto que existe em estado latente dentro de cada um de nós. Basta descobri-lo para desfrutar desta habilidade e deste prazer, que faz superar bloqueios, travas e complexos; revela preciosos insights, afinal de contas, sobre o que somos e como nos mostramos ao mundo...

Eu-te-amo... preferiria um sujeito suspenso numa relação especular com o outro... Esta não é frase de Camilla, nem transmite um sentido, mas é holófrase, toque lacaniano que expressa tal situação-limite.

De geração a geração, é cota de prazer a escola de samba que o idoso dá a si mesmo, a seus filhos e netos.. lugar de sonoras cercanias...

Minha família, à sua maneira, mas orientada à distância por profissional-fisioterapeuta, faz valer o envolvimento familiar de todos em uma unidade de estilo a favor deste velho que, assim sustentado, aqui se apresenta.

.....

¹ Barros, M.de. *Livro sobre nada*. 14ª ed. RJ/SP: Record, 2009: 49.

De início, um florilégio imaginário — uma sequência de dizeres atribuídos imaginariamente a idosos, que são uma ressonância, literal ou não, dos “achados” de cada um dos doze estudos que compõem este volume da *Kairós Gerontologia* 13(2). A seguir no presente Editorial fazemos a apresentação pertinente a cada uma das pesquisas aqui apresentadas aos leitores.

Dois dos artigos e um relato de experiência deste volume da Revista trazem à cena a *família*, ou mais precisamente, combinam entre si o tema que é recorrente e fundamental na Gerontologia: o da ação da *família* e/ou do apoio *intergeracional* ao *idoso de casa*. Mostram, por sua vez, um lado da moeda das relações entre idoso e família: antes que uma aporia, o tratamento efetivo e digno ao idoso pode se dar justo quando a família retoma essa problemática e todos os membros da família a fazem sua; cada família atribuindo-se a responsabilidade pelo seu *idoso de casa*, respeitando-o na sua singularidade, dado que não existem fórmulas únicas, nem prontas ou definitivas, destinadas aos cuidados com a pessoa idosa. Contingência tal que nos evoca Sartre, na peça *Entre quatro paredes* (1945), nos seus dizeres finais, “*Pois é. Continuemos*”². Em tom otimista, a alentadora possibilidade de, apesar de tudo, usar da liberdade para fazer algo diferente pelo destino dos outros e de nós próprios.

O artigo apresentado às páginas 23-39, de título “Una aproximación a la relación familia, envejecimiento y política social en México”, coloca em questão a diversidade no tratamento das questões do envelhecimento no mundo: alguns países contando com sistemas de saúde e seguridade social para a população envelhecida; outros, em que o direito a serviços de saúde e de obtenção da aposentadoria continuam sendo temas preocupantes a seus governos, caso do México, que enfrenta dificuldades para atender à população envelhecida atual e certamente a futura. Diante deste panorama trazido pela autora deste estudo, as redes informais de apoio, em que é exemplar a *família*, são tidas como de grande importância para aliviar as dificuldades econômicas e de saúde a que enfrenta a população envelhecida. A *família* é então reconhecida com um mecanismo de solidariedade intergeracional, diante de uma limitada cobertura social, quando a autora problematiza, então, as relações interiores à própria família e não deixa de estender seu olhar para a exterioridade, ao ressaltar a necessidade de uma adequada política social familiar.

² Sartre, J.-P. (2007). *Entre quatro paredes*. (Araújo, A. & Hussec, P., Traduts.). (3ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 207: 53.

O idoso deste artigo nas págs. 41-56, aqui apresentado na sua relação com o estudo anterior pela referência à *família*, de título “Estilo de vida de pessoas idosas pós-acidente vascular encefálico e sua relação com a assistência de fisioterapia em domicílio”, ainda que não deixe de reconhecer as limitações trazidas pela condição patológica da AVE, evidencia os benéficos efeitos subjetivos de uma prática fisioterapêutica - orientada e contínua no próprio domicílio do paciente - que lhe determinam uma mudança no estilo de vida, com realizações satisfatórias pessoais e sociais; em suma, um conjunto de conteúdos existenciais que asseguram à vida do idoso plenitude e sentido. O estudo aqui referido filia-se à teorização implementada por um grupo de pesquisadores do NIEFAM-Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônico-Degenerativas, da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

“A família e o cuidado - reverses e vieses entre a aceitação e o desafio do cuidar” é o título do estudo apresentado nas páginas 191-202, em formato de Relato de Experiência, que antecipa no título o foco de sua investigação: a família vista na sua capacidade de dar continuidade de aplicação, no próprio domicílio familiar, de cuidados fisioterapêuticos ao idoso dependente, no caso de ausência do profissional. Essa modalidade de tratamento ao idoso é sustentada pelo vigoroso diálogo teórico de Luzia Wilma Santana da Silva com seus orientandos e pesquisadores filiados a seu grupo de pesquisa. Diálogo que possibilita que a teorização esteja *pari passu* articulada com as respectivas práticas. O desconhecimento pela sociedade a respeito do trabalho empreendido pela Fisioterapia Domiciliar ainda é o que pode criar impedimentos à efetivação da proposta dos autores: urge que os cuidados fisioterapêuticos domiciliares sejam difundidos, de modo a que a Fisioterapia Domiciliar seja por estas aceita culturalmente a serviço da reabilitação dos idosos no domicílio como um cuidado de parceria profissional-família-idoso.

O estudo situado nas págs.57-73, de título “Compreensão do fenômeno dos maus-tratos econômicos e emocionais a idosos e a decisão no processo de institucionalização – uma realidade Portuguesa”, tenta compreender o outro lado da moeda das relações entre idoso e família: o do fenômeno dos maus-tratos emocionais e econômicos a idosos no domicílio, num período pré-institucional, assim como o acontecimento da entrada em Lares de Idosos, se voluntária ou involuntária, em função da relação familiar entre o ofensor de maus-tratos e o agente de decisão. Demonstra-se

que o gênero feminino se configura como a principal vítima de maus-tratos econômico-emocionais, sendo que os filhos representam os principais agentes de violência. Discute o artigo também o impedimento ao direito de decisão por parte dos idosos em relação à opção pela institucionalização, ficando a decisão via de regra aos filhos dos idosos, independentemente da manifestação da vontade própria dos últimos, atentando contra o direito fundamental da liberdade de escolha.

O *convívio geracional* vai ser mostrado também como uma via para a configuração da *identidade de um novo idoso* que comparece na sociedade contemporânea no artigo de título “A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho” (páginas 75-89). Contrariando a negativa identidade do idoso estipulada socialmente, em que ele carrega mais ônus que bonus, ratifica este estudo a nova identidade de idoso que está se configurando na sociedade. Pela *via educacional dos jovens* e do *convívio intergeracional*, pode se instaurar a concepção desse idoso com características essencialmente positivas: mais participativo, com direitos, desejos, necessidades e deveres como qualquer outro cidadão. A imagem de um idoso que se institui, à custa de uma posição outra na sociedade assumida pelo próprio idoso: apesar de seus problemas físicos, a de uma pessoa única, e com possibilidades diversas, impeditivas ao distanciamento das problemáticas comuns aos demais membros da sociedade — alguém tanto financeira como emocionalmente capaz de também cuidar da família; capaz, física e emocionalmente, de se relacionar sexualmente, independente das mudanças e alterações na sua resposta sexual consequentes ao envelhecimento; capaz de se dar conta, enfim, de suas reais problemáticas e necessidades, preparado para lidar com as questões que permeiam seu envelhecer, e exigir as mudanças necessárias ao seu cotidiano.

O artigo apresentado nas págs.91-98, de título “A pessoa idosa no contexto da Bioética: sua autonomia e capacidade de decidir sobre si mesma”, mostra como o idoso, sustentado pela Bioética, é convocado a inscrever seus passos com autonomia e decisão sobre ele próprio no presente e também no futuro, sobre sua vida e morte. A Bioética é entendida “como uma nova sensibilidade humana” que deve conduzir ao cuidado, ao zelo, à promoção da dignidade humana e qualidade de vida, favorecendo a autonomia de qualquer paciente, particularmente o idoso. O aprofundamento trazido por esta pesquisa, com base na área da Enfermagem, sobre a autonomia do idoso, pode motivar outros trabalhos a contribuírem na construção efetiva de uma vida mais digna na velhice, sobretudo no caso da internação hospitalar ou da incidência de doença grave.

Os demais seis artigos mais um Relato de Experiência deste volume da *Kairós Gerontologia 13(2)* – em discussão interdisciplinar com a área da Gerontologia, ainda que cada um guardando a especificidade da área de filiação de seu autor, tocam de perto, ou de longe, na questão da *qualidade de vida na velhice*.

Nessa direção, no artigo de título “O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida” (págs. 99-113), mostram-se as condições para um idoso ter qualidade de vida em estudo de base fisioterapêutica, que são justamente aquelas condições que interagem para construir a história de cada ser humano; sentir-se velho não deixa de ser, pois, segundo os dizeres destes autores, experiência que põe à prova crenças, planos, desejos e percepções. Como se articulam velhice e qualidade de vida? — a indagação central do presente estudo, com relatos que dizem em sua maioria de posturas otimistas de adaptação, de abertura para as possibilidades reais do momento vivido, de satisfação, mas também de preocupações, desamparo, dor diante das perdas, frustração por projetos não realizados, preconceito. A grande valia deste estudo está em fornecer uma base teórica plural para a compreensão dos aspectos relacionados à qualidade de vida de idosos: entendendo melhor seu ponto de vista, torna-se possível auxiliá-los no resgate do seu potencial de adaptação e superação, restabelecendo o equilíbrio emocional com atividades que despertem o interesse e a motivação para buscar, em sua bagagem de vida, os recursos para viver com satisfação essa fase.

O próximo artigo que aqui apresentamos, dentro do tema da *qualidade de vida* agora relacionada à *hipertensão*, intitula-se “Qualidade de vida, condições e auto-percepção da saúde entre idosos hipertensos e não hipertensos” (págs.115-130), que aponta que a qualidade de vida em idosos é menos impactada por problemas de saúde de longa permanência, desde que sob controle, caso da hipertensão. Controle esse geralmente feito por tratamento medicamentoso, acompanhado de mudanças no estilo de vida, o que aponta para a necessidade de políticas públicas voltadas à promoção da saúde, ainda mais considerando a progressão do crescimento desta população. Uma consideração importante, dentre outras neste trabalho, é a de que, ainda que tenham limitações, idosos hipertensos não diferem dos não hipertensos quanto à qualidade de vida, que é explicada por outros fatores, como os do engajamento social e atividades físicas e religiosas.

A partir da concepção de *envelhecimento saudável e ativo* e de análises sobre dados da tecnologia digital e do celular, focados especialmente no seu uso pela velhice,

é que se situa este estudo intitulado “Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital” (págs.131-147). Embora o acesso ao computador e à internet pela população idosa ainda seja restrito, e restrita também a utilização a algumas poucas funções, a frequência e o uso constata-se tão elevados quanto aos de outras faixas etárias. Se navegar no passado era preciso, no presente mais do que nunca: navegar na Internet, pilotando um computador, não pode mais ser sonho ou frustração para os mais velhos; eles também se aventuram na aventura on line com benefícios a olhos vistos. Neste artigo, são apontados os benefícios significativos associados aos aspectos de ordem social e cognitiva no envelhecimento, inclusive a questão da inclusão digital, que pode promover a inclusão social. E o relevante de aplicação prática: habilidades no uso das tecnologias digitais podem se transferir para outras situações semelhantes do cotidiano do idoso, como consultar caixas eletrônicos, navegação pelo comércio virtual, compras na internet, marcação de consultas médicas, consultas a viagens, e atividades afins. Fundamental será incluir a população idosa na dinâmica de transformação tecnológica, aumentando seu grau de autonomia e constituindo novos projetos de vida na direção do exercício da cidadania e do bem-estar na maturidade, não deixando, porém, de lado as preocupações com a segurança dos dados. Conquanto as novas tecnologias sejam desafiadoras, se puderem ser orientados em sua inclusão digital, os idosos se afirmarão acompanhando os avanços do mundo atual, em sintonia ao vaticinado por Victor Hugo: “*Nada pode parar uma ideia cujo tempo chegou*”.³

Em “Os benefícios da música e do canto na maturidade” — estudo aqui apresentado nas págs.149-165 — propõe-se a prática do canto na velhice como uma prazerosa ferramenta terapêutica e preventiva na melhoria da atitude corporal e no incremento da atividade mental, ao serem favorecidos a respiração e o relaxamento das tensões musculares, obtendo-se benefícios, dentre outros: o aumento da capacidade pulmonar, a quebra da rigidez corporal e a percepção das sensações físicas internas, resultando num autoconhecimento do corpo. Enfatizam ainda as autoras que essa prática representa um investimento não apenas na manutenção saudável como também no aprimoramento estético de um expressivo traço de identidade do indivíduo e importante veículo de comunicação e aproximação social - a voz -, trazendo melhorias para a autoestima, a autoimagem e a segurança, especialmente dos idosos.

³ Citado em Maffesoli, M. (2000). Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: Martins, F.M. & Silva, J.M.da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. (2ª ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS: 43.

Em “O envelhecimento retratado pelo cinema: uma análise do filme “Camilla”, (págs. 167-176), mostra-se como o cinema retrata a velhice das mais variadas formas. O filme, analisado no artigo à luz da literatura gerontológica, trata da questão do envelhecimento com sensibilidade e beleza, abordando os temas da produtividade da juventude comparada à velhice; a mudança no padrão de comportamento das pessoas mais velhas; e a questão da sexualidade no envelhecimento, esta última como uma via muito interessante para o prazer de viver.

Ainda dentro do contexto da *qualidade de vida na velhice*, o Relato de Experiência de título “Interação do idoso na escola de samba” (págs. 177-189) é estudo que evidencia, como diz o título, uma experiência benéfica exposta em relatos de um grupo de pessoas idosas participantes de atividades diversas propiciadas no ambiente de uma escola de samba. Traduzem-se tais atividades em benefícios psicossociais de auto-estima, auto-cuidado, valorização de novas amizades, sintonia com novas linguagens: a dança, a música, novos ritmos, o que faz contribuir para a melhoria de sua qualidade de vida, especialmente vista em uma melhor comunicação, a fluidez na expressão verbal e não verbal; em suma, uma satisfação maior de viver. Este estudo pode ser considerado ponto de partida para a reflexão sobre a importância da participação dos idosos em tradicionais festas coletivas, em que se destacam as carnavalescas.

Apresentados os artigos, retomamos o título do presente Editorial, para dizer de sua leve referência à *metáfora do espelho* que, por sua vez, evoca o *Estádio do Espelho*, esta última uma expressão postulada em 1936, pelo psiquiatra e grande mestre francês da psicanálise Jacques Lacan (1901-1981)⁴, para referir um modo de captura imaginária do organismo humano por uma imagem externa, quando a criança entra no simbólico.

Estádio do Espelho, expressão que designa um acontecimento muito particular ao ser humano, situado a partir de seu começo, a criança, é aqui neste Editorial situada a partir da pessoa idosa também exposta a um de seu/s (secundário/s) momento/s

⁴ Tal “descoberta fundamental em Lacan” refere uma operação psíquica fundante, originária, i.é, “(...) um momento psíquico e ontológico do desenvolvimento humano, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho. (Roudinesco & Plon, 1998: 194). As ideias sobre o “Estádio do Espelho” nunca se mantiveram estáticas, tendo sido feitas várias reformulações pelo próprio Lacan. (Leader, 2006: 29). E que “longe de serem coisas meramente teóricas e distantes da sua realidade, conceitos [como o do estádio do espelho] (...) fazem parte do seu dia a dia.” (Žižek, 2010).

especular/es, de identificação face a face com sua imagem refletida: “Reconheço-me; logo existo” e, em posição imaginária, livremente poder revelar seu próprio interior ou cf. Freud, “...tudo o que...vai ao coração”.

Considerando que, na área da literatura, muitas vezes encontram-se cenas que descrevem o *ganho da identidade de personagens* a partir da metáfora lacaniana do espelho; considerando, conforme o dito por Ceia (2010), que o espelho seja “(...) criador de múltiplas imagens, quase sempre ambíguas e reveladoras de aspectos mais interessantes do que os reproduzidos por uma imagem dita fiel”⁵; considerando ainda que uma leitura linguística - a da metáfora do espelho - permite, no florilégio com que se inicia este Editorial, dar ouvidos a dizeres (jubilatários, na sua maioria) dos idosos olhando-se no espelho, sobre sua condição e revelando a um só tempo o estado das discussões interdisciplinares das pesquisas, centrando-se, enfim, nos aspectos mais relevantes dos “achados” das investigações incluídas neste 13(2) da *Kairós Gerontologia*.

A formulação encaminhada por Ceia (2010), a nosso ver, permite indicar, a esse respeito, que as identificações que ocorrem ao idoso no presente ou no futuro acabam condicionadas pela identificação “no espelho” que é, em termos mais diretos, segundo esse teórico, a *descoberta única do desejo*, no fundo, a lição primordial que se pode aprender do “Estádio do Espelho”.

Boa leitura a todos nesta revista de reflexões sobre o envelhecimento e que pensa a pessoa idosa nas suas relações com ela mesma, com a família, com a sociedade.

Os autores aqui incluídos expõem uma interpretação possível dos dizeres de pesquisa sob uma perspectiva interdisciplinar entre a área de sua especialidade e a da Gerontologia, tentando pensar de forma nova sua problemática em questão. Longe de desejar ter a última palavra em suas formulações, pretendem é tentar a superação de uma série de ideias que surgem cada vez mais “humilhativas” à imagem narcísica das pessoas, especialmente das idosas, em função de vários fatores, segundo (Žižek, 2010: 8): a condução do avanço do conhecimento científico para o dominante modelo cognitivista-neurobiológico da mente humana; os tratamentos primordialmente centrados em pílulas e terapias comportamentais; e em contexto social, a predominante

⁵ É exemplar literário, segundo Ceia (1997), *O Crime do Padre Amaro*, de E.de Queirós, em que “a personagem Amaro olha-se ao espelho e descobre não só o desejo do corpo da mulher, mas em igual medida significativa, descobre o seu próprio corpo, toda a dimensão do seu próprio corpo que até aí estava dividido pelo fantasma da castração...”.Ceia, C. Encontrado em 20 out., 2010, em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=190&Itemid=2.

permissividade hedonística. Será que a celebrada longevidade humana dos nossos dias poderá, de alguma forma, permitir o (ou dar vez ao) mote freudiano “Eu deveria ousar me aproximar do lugar de minha verdade”, a verdade que, do idoso, pode falar abertamente no espelho? Esperamos que a *Kairós Gerontologia* seja cada vez mais o espaço de escuta para o sujeito idoso das pesquisas, contando com as réplicas dos leitores. Vale muito a pena dialogar... Até breve,

Flamínia Manzano Moreira Lodovici

E-mail: flalodo@terra.com.br

Elisabeth Frohlich Mercadante

E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br

Editoria Científica

Referências

- Ceia, C. (2011). “O Estádio do Espelho”. Encontrado em 20 out.2010, em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=190&Itemid=2.
- Kristeva, J. (1969). *Psicanálise e Linguagem*. (Barahona, M.M., Trad.). *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70: 305-18.
- Lacan, J. (1998). “O estádio do espelho como formador da função do Eu (Je). *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 96-103. [Ed.original: (1966). Paris].
- Leader, D. (2006). *Lacan para principiantes*. (Groves, J., Ilustr.; Wolfson, L., Trad.). Buenos Aires: Naciente.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (Ribeiro, V.& Magalhães, L., Trads.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. (Borges, M.L.X.de A., Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.